

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. F3000008

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ASPECTOS DA OPERACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA

Brasília, 19/12/77

Atacy Lopes da Silva

1. Ptos de acordo c/ P.A.
2. Exposição pedida - tema
3. Gostaria de concentrar minha exposição em dois pontos fundamentais que parecem caracterizar, de modo geral, a prática da educação indígena no Brasil. O 1º deles diz respeito à descontinuidade que se nota entre os processos educativos tradicionais e a educação formal através da escola, imposta pela sociedade dominante. O 2º diz respeito à tendência comum em se reduzir "educação" à "alfabetização".

A discussão destes problemas exige uma pequena digressão que diz respeito à necessidade e utilidade da educação formal nas sociedades indígenas. Aqui, é preciso salientar a diversidade das situações que se explica não apenas pelo grau e antiguidade do contato com a sociedade nacional, nem apenas pela frente pioneira em contato direto com os índios ou pela economia regional. Esta diversidade se explica, também, 1º por características inerentes à própria estrutura da sociedade indígena em questão; 2º, por sua visão de mundo; 3º finalmente, por sua maneira peculiar de reagir à sua inserção na sociedade brasileira.

Dai, a dificuldade de se propor soluções de aplicação generalizável. Dai, também, a necessidade de levantamento concreto de cada situação específica com linguistas e antropólogos, em trabalho conjunto, de modo a garantir conhecimentos satisfatório. Em 3º lugar - e que desejo enfatizar de modo especial - de corre a impossibilidade de se fazer qualquer proposta concreta sem que os próprios índios sejam consultados e participem de todas as fases da elaboração e implantação de um projeto de educação formal (inclusive da elaboração do material didático a ser utilizado).

Qualquer projeto destes que seja elaborado e implantado à revelia dos membros da sociedade indígena à qual se

dirige estará, tenho certeza, fadado a fracassar. Se se pretenda uma política indigenista que rompa com o paternalismo e a assistência pura e simples, o 1º passo é o trabalho com os índios e não para os índios ou, pior ainda, pelos índios, isto é, em seu lugar.

A diversidade das situações, então, deverá necessariamente ser considerada na definição de uma política de educação indígena que deve, por isso mesmo, ser suficientemente flexível para dar conta da especificidades de cada caso. Por outro lado, cabe ressaltar a importância e a necessidade mesma de uma orientação geral. Esta política deve se assentar em princípios claramente definidos e minha expectativa é que, já nesta 1ª Encontro, chegue-se a um consenso quanto às linhas gerais desta orientação.

Neste sentido, quero lembrar algumas das características essenciais da educação indígena tradicional para, a base nelas, propor uma concepção de educação formal junto a estas sociedades.

A 1ª característica a lembrar é o relacionamento profundo da educação tradicional com a multiplicidade de aspectos da vida coletiva. A sociedade indígena, como se sabe, define-se por relações sociais múltiplas que tem, ao mesmo tempo, dimensões tanto econômicas quanto políticas ou religiosas ou de parentes, etc.

É uma sociedade em que não há especialização institucional. Isto se aplica também ao nosso tema. Não há instituições exclusivamente educacionais, via de regra. A educação se realiza, então, concomitantemente com outras dimensões da vida social.

A 2ª característica fundamental da educação tradicional prende-se ao fato destas serem sociedades baseadas na oralidade, característica esta que enfatiza o desenvolvimento do aprendizado ao nível da comunidade. A isto se opõe a transmissão de conhecimentos através da leitura e da escrita, que enfatizam a individualidade.

A 3ª característica pode ser sintetizada nesta expressão: aprende-se vivendo. O mundo infantil é uma miniatura do mundo dos adultos. À medida que cresce, a criança vive a expe

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-03-

riência da transformação gradual da atividade lúdica em trabalho.

A 4ª e última característica fundamental da educação indígena diz respeito ao modo pelo qual o conhecimento é transmitido. Via de regra, a criança aprende por imitação e imitações das atividades dos adultos no seu contexto real. Isto é possível graças à inexistência de uma separação radical entre o mundo da criança e o mundo dos adultos. Uma observação cabe, ainda, aqui e diz respeito à ausência quase total de punições, castigos ou atos de violência verbal como elementos do processo educativo.

Um levantamento propriamente etnológico destas características nos levaria mais além. Para os fins deste Encontro, porém, considero as características já enumeradas não só fundamentais mas também suficientes para que se possa propor uma concepção de educação, em geral, e de escola, em particular que não signifique uma ruptura com os padrões tradicionais.

Este procedimento se justifica pelas conclusões, cada vez mais frequentes, de educadores, sociólogos e psicólogos quanto às limitações da escola tradicional, autoritária. O que frequentemente se tem feito é impor aos índios um modelo de escola que já não tem lugar na nossa própria sociedade. A já antiga "Escola Nova" (ou "Escola Renovada") desde há muito já propõe a adoção de alguns procedimentos que, coincidentemente, estão implícitos nas características da educação indígena tradicional e relacionados há pouco: uma escola que prepare para a vida, que se defina em função da realidade mesma do aluno, que descubra nesta identificação com a realidade do aluno suas fontes de motivação, que procure transmitir os conhecimentos através da experiência e em contextos tão reais quanto possível, que exija do aluno uma atitude crítica e que rechace a sua passividade.

Partindo destes pressupostos, a proposta é 1ª de que se neutralize o caráter "especializado" da escola. Ela deve adequar ao ritmo da vida da aldeia e o conteúdo de suas "lições" deve ser determinado, em última instância, pela realidade de cada grupo indígena, correspondendo às expectativas de seus membros;

2º de que a escola remeta à aldeia.

Use "aldeia" aqui de forma simbólica, como recurso para expressar o conjunto das relações sociais, da tradição cultural, da visão de mundo compartilhada pelos membros de cada grupo, inclusive da visão que tem do mundo dos brancos e da consciência de sua posição enquanto grupo minoritário no contexto nacional. A escola, então, ao invés de competir com os processos educativos tradicionais e seu conteúdo, deve remeter a eles, de modo a que cada grupo indígena, de acordo com a sua situação peculiar, possa ir definindo o lugar da educação formal em seu universo.

Aqui, de novo, a pesquisa científica e a participação dos índios são imprescindíveis, no sentido de evitar que sejam impostos modelos alheios às necessidades e à realidade do grupo.

(Uma das medidas concretas que se pode tomar no sentido de fazer com que a educação formal não entre em competição com a educação tradicional é restringir sua atuação aos adolescentes de 13, 14 anos em diante, quando o processo de socialização já está bem adiantado e o domínio da língua nativa já é satisfatório. Esta é uma afirmação genérica que, sem dúvida, deve ser repensada diante dos dados concretos de cada situação).

O próximo item é a proposta

3º de que o papel do professor deve, nestas circunstâncias, extrapolar os limites da escola. Sua atividade deve se dar nos vários níveis da atividade da comunidade e sua participação na vida diária da comunidade é imprescindível neste sentido.

4º de que a escola indígena seja mais um espaço dos índios do que do branco.

Se for imprescindível a presença de um professor branco, ele deve ter plena consciência de que é um estranho que tem muito a aprender. Modelos idealizados do fora, nos gabinetes, desvinculados da realidade vivida serão responsáveis pela utilização da escola como instrumento de colonização interna.

5º de que a escola seja, para os índios, um espaço de discussão da sua realidade e, nesta medida, um instrumento de consciên

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-05-

tização a um agente de liberação da situação de dependência.

Da concepção à prática, porém, uma longa série de problemas e dificuldades se apresenta.

A 1ª dificuldade diz respeito, naturalmente, à situação em que já se encontra a educação indígena no Brasil. A escola "do Posto" ou o colégio "da missão", guardadas em suas particularidades, já impuseram (e falo de maneira genérica pois há exceções) um padrão e uma imagem de escola e de professor contra os quais qualquer tentativa de aplicação do conceito expresso há pouco terá de se bater. Os aspectos mais perigosos, do meu ponto de vista, são sua rigidez (de critérios, etc.), seu autoritarismo, seu caráter de coisa imposta.

Mesmo quando a necessidade da educação formal é expressa e valorizada pelos índios, sua liberdade de escolha quer quanto a conteúdos, quer quanto a métodos é nitidamente limitada. Se não por mais nada, pelo menos pelo simples fato de que é uma instituição de brancos, onde a consciência do índio não tem lugar: nem a consciência que já se tem, nem a consciência de que se precisa para enfrentar a realidade do contato e da inserção numa sociedade qualitativamente e estruturalmente diversa da sua.

O que muitas vezes acontece, então, é que apesar de valorizar a educação através da escola, o índio a vê como "coisa de branco", e se permitirem a expressão. Um exemplo no Roraima.

A 2ª dificuldade se reduz à falta de pessoal preparado para a execução do programa de educação tal como hoje existe. As escolas dos PIs. sofrem de um mal crônico: irregularidade e instabilidade no seu funcionamento.

A proposta, aqui, é diminuir tanto quanto possível o número de brancos trabalhando na execução dos programas. É preferível que se tenha, na execução, menos brancos mas mais bem formados e, na orientação geral - que deve ser feita através do conhecimento obtido por meio de pesquisas científicas -

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

-96-

peças mais especializadas.

Nos casos em que o professor branco for elemento deste processo de educação através da escola, é preciso que ele seja capaz de ir se fazendo cada vez mais desnecessário, que tenha consciência da posição de autoridade que lhe confere o "cargo" numa instituição tipicamente não-indígena. Desejável seria, ainda, que fosse capaz de neutralizar esta situação e de estabelecer uma relação simétrica com os índios para que os objetivos da escola, seus métodos e conteúdo fossem produto de decisão conjunta.